

2. Aspectos gerais do livro dos Atos dos Apóstolos

2.1. Aspectos literários da obra de Lucas

Lucas, compondo seu evangelho, usa como fontes Marcos e a fonte Quelle, isto é, a fonte que contém o material que Lucas e Mateus têm em comum entre si. O livro dos Atos também pode ser lido dentro da perspectiva do Evangelho, pois ele dá continuidade ao Terceiro Evangelho, basta conferir os prólogos (Lc 1,1-4 e At 1,1)⁴⁹. Entretanto, o prólogo dos Atos não define precisamente a finalidade do livro nem suas fontes, apesar de ficar implícita a intenção de Lucas⁵⁰ que nele afirma ter feito “pesquisas acuradas sobre todas estas coisas desde as suas origens” e ter-se decidido “a escrever uma prestação de contas ordenada”, dedicando-a a Teófilo, “a fim de que possa constatar a solidez do ensinamento recebido” (Lc 1,1-3)⁵¹.

Em algumas perícopes do Evangelho, Lucas utiliza fontes próprias. Se esta explicação é aceita por muitos exegetas, não é tão simples indicar quais são as fontes usadas por Lucas na composição dos Atos dos Apóstolos⁵², pois complexas como a questão do texto dos Atos dos Apóstolos são as fontes de sua obra⁵³.

Isto se torna particularmente árduo porque Lucas, com grande habilidade, reelabora o material à sua disposição, imprimindo nele seu cunho pessoal, seu vocabulário, seu estilo, não permitindo mais identificar as características originárias e a proveniência do material utilizado. Como vários estudiosos destacam, é possível somente fazer algumas suposições a respeito, embora desde o começo seja útil realçar que as fontes do livro dos Atos não podem ser

⁴⁹ Cf. COMBLIN, J., *Atos dos Apóstolos – Vol I: 1-12*. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 70-76.

⁵⁰ Cf. FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 25. Por isso, deve-se concluir que permanece válida também para os Atos a finalidade proposta no prólogo a toda obra: dar, por meio de uma ordenada e essencial narrativa dos acontecimentos, as garantias seguras da seriedade e validade da mensagem cristã. Lucas, assim, solidifica a sua mensagem.

⁵¹ HAMM, D., *The Acts of the Apostles*. Minnesota: Liturgical Press, 2005, p.11.

⁵² CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 32.

⁵³ FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles – Hch 1,1-8,40 (vol. I)*. Salamanca: Sigueme, 2003, pp. 130.

hipotetizadas abstratamente, mas só considerando cada unidade literária⁵⁴.

Apesar de o texto atual do Livro dos Atos estar muito próximo de suas fontes⁵⁵, o amplo colorido dos resultados demonstra a dificuldade do resultado final da redação de Lucas⁵⁶. O problema literário do livro é mais complicado do que qualquer outro livro do Novo Testamento, porque as diferenças entre os dois textos⁵⁷, “Neutro”, também denominado “Alexandrino” ou “Oriental” (os grandes unciais A, B, C, S, ⚭, e o papiro P⁴⁵) e “Ocidental”⁵⁸ (D; os papiros P²⁹, P³⁸, P⁴⁸; as antigas versões latinas e siríaca; os escritores eclesiásticos latinos) provêm de um trabalho de recensão mais profundo e mais sistemático do que qualquer outro⁵⁹.

O autor não inventou o conteúdo dos Atos, e, sim, formou o livro, em grande parte, com material existente e é consenso geral que foram usadas fontes em Atos⁶⁰. Analisando suas fontes e estudando seu conteúdo, os Atos apresentam belas características como obra literária, têm o mesmo brilho e intensidade que o Terceiro Evangelho.

Lucas mostra muita habilidade na narração dos acontecimentos, apresenta com maestria dramática as narrações de Pentecostes (At 2,1-41), o episódio de Filipe com o eunuco etíope e sua carruagem de fogo (At 8,26-39), a conversão de

⁵⁴ CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 32.

⁵⁵ GRELOT, P., *Introdução à Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 356. Em relação às fontes, nos seus escritos, Lucas usou uma variedade de fontes, tais quais: a seção “nós”, que deixa transparecer o contato com Paulo em algumas viagens; sobre os discursos e sermões, há a possibilidade de ter estado com Paulo, no cativo de Roma; teve conhecimento de documentos aramaicos. Sobre as fontes, conferir o tópico 2.2.2 (data e fontes de Lucas) deste estudo.

⁵⁶ DE BOOR, W., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Editora Esperança, 2002, p. 19.

⁵⁷ Cf. FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles – Hch 1,1-8,40 (vol. I)*. Salamanca: Sigueme, 2003, pp. 114-129. O autor fundamenta três classes para o texto de Atos: O texto Alexandrino, que Westcott e Hort denominaram “Neutro”; o texto Ocidental e o texto Bizantino, também conhecido por Koiné ou texto Sírio (representa uma tradução textual que se usava correntemente, mas que era produto de harmonização, fusão e seleção de leituras freqüentemente viciadas. Este se reproduziu, principalmente no que se conhece como *Textus Receptus*); WIKENHAUSER, A., *Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, pp. 36-37. O autor relata que o filólogo BLASS, F., lançou a hipótese de que ambas as formas do texto remontam ao próprio Lucas. O texto Ocidental representa a primeira redação e o texto seria a edição abreviada, revisada e estilisticamente aprimorada, afirmação hoje já superada.

⁵⁸ Para melhor compreensão dos dois textos analisar a introdução da obra: METZGER, B., *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, pp. 1-16.

⁵⁹ TERRA, J. E. M., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 45.

⁶⁰ VIELHAUER, P., *História da Literatura Cristã Primitiva – Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Santo André: Editora Academia Cristã, 2005, p. 415.

Paulo⁶¹, o seu naufrágio (At 27,14-44). Há outros personagens notáveis no livro: Simão o mago⁶², Ananias, Estêvão. Assim, a narrativa prossegue suave e logicamente, de acordo com o plano traçado: o avanço do Evangelho, desde Jerusalém, até lugares mais distantes⁶³, os Atos apresentam o itinerário formativo da Igreja, que nasce em Jerusalém e percorre os grandes centros urbanos em direção ao Ocidente, a Roma, o centro do mundo e se cumpre a promessa: “sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8)⁶⁴. Essa mensagem sintetiza o esquema do livro, na *práxis* dos apóstolos.

O Livro dos Atos traça os primeiros anos da história do Cristianismo desde a ascensão de Jesus, em Jerusalém, até a prisão de Paulo em Roma. É intenção de Lucas dar continuidade à história de Jesus através do testemunho e missão dos seus primeiros discípulos. Embora também seja um trabalho de um cuidadoso historiador, cuja exatidão e confiabilidade são, de modo crescente, confirmados nas pesquisas atuais⁶⁵.

Como narrador, Lucas segue o estilo de Heródoto, Josefo, Tito Lívio, Plutarco, Tácito e, mais ainda, com a tradução dos LXX⁶⁶. No sentido histórico e arqueológico, o livro é digno de confiança, pois questões geográficas e tipográficas podem ser averiguadas por várias pesquisas desenvolvidas por

⁶¹ Lucas oferece três relatos (At 9,1-19; 22,1-21; 26,1-23), cujas divergências nos pormenores se explicam pela diferença nos gêneros literários: os dois outros fazem parte de discursos de Paulo. Ver também Gl 1,12-17. O evento ocorreu, com muita probabilidade, em 36, cerca de doze anos (quatorze, segundo a maneira de contar dos antigos) antes do “Concílio de Jerusalém” (Gl 2,1s) que se realizou em 49. cf. nota “f” da BÍBLIA DE JERUSALÉM. 8ª impressão. São Paulo: Paulus, 2000, capítulo 9, versículo 1.

⁶² Cf. McKINZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 880. O mago de Samaria, considerado pelos seus seguidores como “poder de Deus, que se chama Grande”, uma denominação que sugere que ele dirigia um culto gnóstico (At 8,9-24). Ele foi convertido pela pregação dos apóstolos, mas evidentemente estava sobretudo impressionado pelos carismas que acompanhavam o dom do Espírito e quis comprar este dom por dinheiro. Através dele, o pecado de simonia, tráfico comercial em coisas sagradas, tomou seu nome.

⁶³ CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol III – Atos dos Apóstolos e Romanos*. São Paulo: Hagnos, 1998, p. 09.

⁶⁴ Cf. TURRADO, L., *A Bíblia Comentada VI – Hechos de los Apóstoles y Epístolas Paulinas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965, p. 4.

⁶⁵ Cf. MARSHAL, I. H., *The Acts of the Apostles – An Introduction and Commentary*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1980, pp. 34-44; FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1981, pp. 26-32; ROBERT, A.; FUILLET, A., *Introdução à Bíblia, Tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, pp. 333-342; FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles – Hch 1,1-8,40 (vol. I)*. Salamanca: Sígueme, 2003, pp. 186-191. São obras que traçam um perfil histórico da obra de Lucas.

⁶⁶ CONZELMANN, H., *Acts of the Apostles. Philadelphia: Fortress Press, 1987, introduction, pp. 35-36.*

estudiosos competentes. Sua exatidão histórica tem sido amplamente confirmada por descobertas arqueológicas⁶⁷, apesar de ser uma obra teológica e apologética⁶⁸. A sua descrição sobre a viagem de Paulo até hoje permanece como um dos mais importantes documentos sobre a vida marinha antiga⁶⁹.

O estilo de Lucas é reconhecidamente superior ao dos outros evangelistas: ele não hesita em polir a linguagem de Marcos⁷⁰ (que Lucas usou como esboço básico, em seus escritos). Assim a linguagem estilizada marca fortemente a literatura dos Atos dos Apóstolos, com exceção de algumas seções (tais como as que falam do dom do Espírito Santo, a conversão de Cornélio, a história de Filipe), onde se destacam o estilo tipicamente arcaico e redundante dos documentos escritos em hebraico⁷¹.

Lucas usa o modo optativo, que é raro no Novo Testamento, vinte vezes⁷², embora este estilo fosse pouco usado na sua época. Este recurso não consta nos Evangelistas Mateus, João e em Tiago e no Apocalipse. Na sua obra, Lucas usa um grego muito elegante, dotado de boa cultura de palavras⁷³.

⁶⁷ CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, pp. 69-71.

⁶⁸ Cf. ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III - Novo Testamento*, São Paulo: Editora Herder, 1967, pp. 329-332.

⁶⁹ CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol III – Atos dos Apóstolos e Romanos*. São Paulo: Hagnos, 1998, p. 06.

⁷⁰ Lucas omite palavras distintamente aramaicas, como: Boanerges, Hosana, Getsêmani, abbá, Gólgota, Eloi, Eloi, lama sabachthani. Ao contrário dos Evangelistas, Lucas não usa o termo rabi, usa diferentemente o termo “Mestre”.

⁷¹ CHAMPLIN, R. N., op. cit., pp. 06-07. Lucas usa como fonte o Evangelho de Marcos.

⁷² Em causas independentes (At 26,29), questões diretas (At 8,31; 17;18), questões indiretas (5,24; 10,17; depois de εἰ (At 17,27); hipoteticamente (20,16); sem ἄν para o subjuntivo (25,16).

⁷³ CONZELMANN, H., *Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress Press, 1987, introduction, p. 36.

2.1.1. Composição e estrutura do livro dos Atos dos Apóstolos

a) - Técnica de composição

A composição do livro revela uma extraordinária habilidade do autor. Atento às particularidades da obra, percebemos uma apurada técnica de redação que solidifica a importância e singularidade desta obra. Uma primeira percepção se dá na disposição simétrica ou paralelismo dos personagens e das situações, uma vez que é saliente a analogia entre as principais figuras desta obra: Pedro e Paulo. Seus feitos e ações estão dispostos como nos painéis de um díptico⁷⁴.

A dimensão simétrica é um aspecto característico em Atos. Podemos conferir que o discurso de Pedro dirigido aos judeus (3,12-26) corresponde ao de Paulo (13,16-41); a conclusão do discurso de Pedro na casa de Cornélio (10, 43) é análogo ao discurso de Paulo em Atos 13,38; o encontro de Pedro com o mago na Samaria (8,18-24) tem sua semelhança com o episódio de Paulo com o mago judeu em Chipre (13,6-12); a cura do aleijado no templo, a cura de Enéias em Lida, a ressurreição de Tabita em Jope (9,32-43) encontram eco nos feitos de Paulo na cura do aleijado, também em Listra (14, 8-10) e na ressurreição do jovem em Trôade (20,7-12). O martírio de Estêvão, que evoca a morte de Jesus; a última viagem de Paulo a Jerusalém, que evoca a viagem de Cristo para a morte. Assim, essas situações colocam o leitor num ângulo simétrico e sucessivo (At 7,1-60; 25,1-12; 27,1-8; 28,11-14.30-31)⁷⁵. Segue um pequeno gráfico de simetria:

Atos 8,18-24	Atos 13,6-12
Quando Simão viu que se dava o Espírito Santo com a imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: “Dai-me também este poder, para que todo aquele a quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo”. Pedro respondeu: “Maldito seja o teu dinheiro e tu também, porque julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus”. Não terás direito nem parte alguma no ministério, porque teu coração não é puro diante de Deus. Arrepende-te, pois está cheio de maldade e enleado nos laços da iniquidade.	Em Pafos, encontraram um mago, falso profeta judeu, de nome Bar-Jesus. Élimas é assim traduzido seu nome. Então Paulo, cheio do Espírito Santo, cravou nele os olhos e disse: “Ó homem, cheio de todo o engano e de toda a maldade, filho do diabo, inimigo de toda a justiça! Por que não cessas de perverter os caminhos retos do Senhor?. Eis que agora cai sobre ti a mão do Senhor e ficarás cego sem veres a luz do sol por algum tempo”. Imediatamente caíram sobre ele a escuridão e as trevas.

⁷⁴ Cf. FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 19.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 19.

Outro aspecto marcante no Livro dos Atos é o fenômeno das repetições ou duplicatas. Esta técnica prima por levar o leitor a um dinamismo de relatos que animam e diversificam a trama. Temos por exemplo o relato das visões de Cornélio e de Pedro, que são referidas quatro e três vezes (capítulo 10). Porém, os relatos que mais destacam esse recurso, no livro, são as narrativas da conversão de Paulo, que aparecem por três vezes (9,1-19; 22,1-21; 26,9-18). Dentro destes aspectos, temos os discursos missionários e apologéticos de Paulo, que também participam da mesma dinâmica repetitiva⁷⁶. Importante, na composição do Livro, são os sumários⁷⁷ que remontam os leitores a determinados temas-chaves. Estes sumários introduzem os leitores numa realidade dinâmica e catequética do cristianismo. Podemos destacar: o crescimento e a organização das primeiras comunidades cristãs e a expansão da Palavra de Deus⁷⁸; a perseverança dos evangelizadores; a satisfação na conversão a Cristo Salvador; a Igreja que se edifica na força do Espírito Santo⁷⁹.

b) - Estrutura dos Atos dos Apóstolos

Em Atos 1,6-8, encontramos os grandes passos do caminho testemunhal da Igreja primitiva, os critérios da geografia, o material e os sumários que permitem distinguir dois grandes blocos da descrição desse caminho: um em que predomina a atividade na Palestina sob a direção de Pedro, os Doze e a Igreja de Jerusalém (1-12); e o outro, em que prevalece a atividade fora da Palestina e neste Paulo é o protagonista (13-28)⁸⁰.

Há diversidade de estudos sobre a estrutura do Livro. Por isso, se torna difícil enquadrar sua estrutura sobre uma única perspectiva. Com grande predominância nos estudos sobre a composição dos Atos é a forma apresentada

⁷⁶ Cf. FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 20.

⁷⁷ ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Editora Herder, 1968, p. 338. Os sumários constituem a armação dos relatos dos Atos. Uns são compostos por Lucas, outros, como a descrição da primeira comunidade (2,42-47), provêm de sua documentação. Eles generalizam fatos particulares (4,34; 5,12). Reproduzem com frequência impressões de testemunhas: levavam a Pedro numerosos enfermos (5,15); os que possuíam bens os vendiam (4,34); os crentes se multiplicavam e o cristianismo progredia (2,41; 4,4; 5,14; 6,1.7; 9,31; 11,21.24; 12,24; 14,1; 19,20).

⁷⁸ Cf. 4,31-35; 5,12-15; 5,42; 8,4; 14,6-7; 28,30-31; 2,46; 8,8.39; 13,48-52; 16,34; 9,31; 16,5.

⁷⁹ FABRIS, R., op. cit., 21.

⁸⁰ MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Editora Ave-Maria, 2000, p. 282.

por Fitzmyer⁸¹ que distribui a estrutura em sete divisões principais, nas quais explica gradativamente como o testemunho da palavra de Deus é levado por etapas, desde Jerusalém até Roma. Apresenta o itinerário marcante no livro dos Atos e por isso, muito pertinente ao nosso trabalho, apesar de longo e detalhado.

I – A Primeira Comunidade Cristã (1,1-26).
1 – Prólogo e despedida de Jesus (1,1-8).
2 – Ascensão de Jesus (1,9-11).
3 – Primitiva congregação em Jerusalém (1,12-26).
II – A Missão e Testemunho em Jerusalém e as primeiras comunidades (2,1-8,3).
1 – Pentecostes: o Espírito Santo e o discurso de Pedro (2,1-2,41).
2 – A vida comunitária e Atos de Pedro (2,42-3,26).
3 – Pedro e João diante do sinédrio (4,1-22).
4 – Oração dos cristãos em Jerusalém (4,23-35).
5 – Exemplos de comunidade Cristã (4,36-5,42).
6 – Comissão dos Sete (6,1-7).
7 – Testemunhos de Estêvão (6,8-8,3).
III – A Missão do testemunho na Judéia e Samaria (8,4-40).
1 – Filipe e seu Encontro com Simão em Samaria (8,4-25).
2 – Filipe e o Eunuco etíope no caminho de Gaza (8,26-40).
IV – Expansão da Palavra: aos gentios (9,1-14,28).
1 – O testemunhos de Paulo (9,1-9,25).
2 – Primeira visita de Paulo a Jerusalém (9,26-31).
3 – Milagres de Pedro (9,32-11,18).
4 – A Igreja em Antioquia (11,19-26).
5 – Coleta de Jerusalém (11,27-30).
6 – Perseguições e morte de Herodes (12-1,25).
7 – Missão de Barnabé e Paulo (13,1-3).
8 – Evangelização do Chipre e Antioquia de Psídia (13,4-13,52).
9 – Evangelização de Icônio, Listra e Derbe (14,1-20).
10 – Retorno de Paulo a Antioquia na Síria (14,21-28).
V – A Decisão de Jerusalém sobre os gentios cristãos (15,1-35).
1. Pré-História (15,1-2).
2. Convocação e apelação de Pedro (15,3-12).
3. Confirmação de Tiago (15,13-21).
4. Carta de Jerusalém às Igrejas locais e sua repercussão (15,22-35).
VI – Missão universal e testemunho de Paulo (15,36-22,21)
1 – Paulo e Barnabé brigam e se separam (15,36-40).
2 – Segunda viagem missionária de Paulo (15,41-18,22).
3 – Terceira viagem missionária (18,23-20,38).
4 – Viagem de Paulo a Jerusalém (21,1-22,21).
VII – Paulo é preso por testemunhar a Palavra (2,22-28,31).
1 – Prisão e defesa de Paulo (22,22-23,22).
2 – Translado à Cesárea (23,23-24,27).
3 – Diante das autoridades (25,1-26,32).
4 – Partida a Roma (27,1-8).
5 – Tormenta e naufrágio no mar (27,9-44).
6 – Paulo em Malta e chegada de Paulo a Roma (28,1-16).
7 – Testemunho de Paulo aos judeus em Roma (28,17-31).

⁸¹ FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles – Hch 1,1,8-40 (vol I)*. Salamanca: Sígueme, 2003, p. 182-185.

Outra estrutura importante de análise é a apresentada por Casalegno⁸², que divide sinteticamente o livro em cinco partes, uma divisão detalhada, observando-se seus aspectos temáticos e literários. Aponta que o texto de At 1,1-11 constitui a introdução: Jesus, com sua ascensão ao céu, se separa definitivamente dos seus discípulos, dando início ao tempo da Igreja⁸³. Um pouco menor em relação a Fitzmyer, como veremos a seguir:

<p>I – A vida da Igreja em Jerusalém (1,12-8,3).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. – A comunidade judaica-cristã (1,12-5,42). 2. – O grupo helenista (6,1-8,3).
<p>II – A preparação para a missão (8,4-14,28).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. – Desenvolvimento da missão em Samaria e na Judéia (8,4-40). 2. – Vocação de Paulo (9,1-30). 3. – Batismo do primeiro incurciso (9,31-11,18). 4. – A comunidade de Antioquia (11,19-12,25). 5. – Primeira viagem missionária de Barnabé e Paulo (13,1-14,28).
<p>III – O concílio de Jerusalém (15,1-35).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. – As linhas básicas da missão.
<p>IV – A realização da grande missão (15,36-19,20).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. – Paulo se separa de Barnabé e escolhe Silas (15,36-15,40). 2. – Segunda viagem missionária de Paulo (15,41-18,22). 3. – Terceira viagem missionária de Paulo (18,23-19,20).
<p>V – A caminho de Jerusalém e Roma (19,21-28,31).</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. – Últimas visitas às comunidades (19,21-21,14). 2. – Paulo chega a Jerusalém (21,15-26). 3. – Prisão e perseguição de Paulo (21,27-26,32). 4. – Última viagem de Paulo e chegada a Roma (27,1-28,31).

Assim, diante destas propostas apresentadas, a divisão mais freqüentemente usada é a que: o livro é separado em duas grandes partes⁸⁴ (alguns dividem até o capítulo 12⁸⁵ e outros até o capítulo 15), e estas fragmentadas em

⁸² CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 82.

⁸³ CASALEGNO, A., op. cit., p. 79.

⁸⁴ Cf. FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 21-23. Fabris faz uma divisão diferente, em três grandes seções (1-5; 6-15; 16-28), obedecendo o progresso geográfico com certa liberdade: a missão em Samaria é narrada antes que a da Judéia. Nos três momentos, a ação é condensada ao redor de alguns protagonistas, que dão um rosto e um nome histórico ao dinamismo do Espírito Santo e da Palavra. O clima espiritual e a tensão evoluem a cada nova etapa. Dentro destas três seções mais amplas, podem-se inserir cinco blocos literários que ritmam o desenvolvimento da ação missionária cristã, assim divididos (I - Origens da Igreja de Jerusalém: 1,1-5,42; II - Perseguição e missão: de Jerusalém a Antioquia: 6,1-12-25; III – Primeira viagem missionária e Concílio de Jerusalém: 13,1-15,35; IV – Grandes viagens missionárias: fundação das Igrejas na Grécia / Ásia: 15,36-20,38; V – Paulo, prisioneiro de Cristo: de Jerusalém a Roma: 21,1-28,31).

⁸⁵ E o caso de MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Editora Ave-Maria, 2000, p. 282 e ROBERT, A.; FUILLET, A., *Introdução à Bíblia, Tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, p. 239: ao contrário de Monastério e Carmona, o autor relata que Wikenhauser propõe uma divisão em três grandes seções

cinco secções que pormenorizam a estrutura do livro, obedecendo a uma seqüência geográfica, com dados cronológicos e personagens que nele aparecem⁸⁶.

As duas grandes partes são assim distribuídas. A primeira parte (1,1-15,35) forma um mosaico de acontecimentos diversos, que servem para linear a expansão e o crescimento do cristianismo; enquanto a segunda parte (15,36-28,29) apresenta a jornada missionária de Paulo, que leva em viagem o Evangelho de Antioquia até Roma. Porém estas partes se tecem formando um conjunto⁸⁷.

Sendo assim, dentro desta dupla estrutura, apresentamos cinco secções que são divididas da seguinte forma:

1. Primeira seção: introdução e a comunidade de Jerusalém (1,1-5,42)

Com a apresentação do prólogo do livro constituído por aparições do Ressuscitado, suas instruções e o relato de sua ascensão (1,1-11). Em seguida, a composição da comunidade, a escolha de Matias, Pentecostes e o discurso inflamado de Pedro, convertendo 3.000 homens. Sublinha o messianismo vigente e a realidade da Igreja nascente, que estava no Plano Econômico Salvífico de Deus. Assim, as Escrituras se cumpriram.

Em suma, apresenta as origens da Igreja de Jerusalém, explicitando todas as dificuldades e também as maravilhas que o cristianismo realizava no seio das primeiras comunidades cristãs.

que intitula respectivamente: a Igreja do período judeu-cristão (2,1-9,31); fundação e progresso da missão aos gentios (9,32-15-35); a missão aos gentios e seu missionário, Paulo (15,36-28,31).

⁸⁶ Divisão que se aproxima à apresentada pelos autores: FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, pp. 19-24; ROBERT, A.; FUILLET, A., *Introdução à Bíblia, Tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, pp 234-239; MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Editora Ave-Maria, pp. 279-289.

⁸⁷ ROBERT, A.; FUILLET, A., op. cit., p. 324.

2. Segunda seção: início das missões (6,1-12,25)

Esta seção apresenta a difusão do Evangelho para além das fronteiras de Jerusalém⁸⁸. A missão dos apóstolos estende-se ao universo (At 1,8; cf. Is 45,14). As etapas, aqui assinaladas, traçam em linhas gerais o esquema geográfico dos Atos: Jerusalém, que era o ponto de chegada do Evangelho, é agora o ponto de partida (cf. Lc 2,38)⁸⁹.

A figura central desta seção é Pedro, que abre as portas do Evangelho ao mundo pagão⁹⁰ (cf. 10,1-48). Porém também encontramos outras figuras que enriquecem estes relatos: os sete diáconos (6,1-7)⁹¹, dentre os quais destacam-se Estêvão (6,8-8-3)⁹² e Filipe (8,4-40)⁹³.

Nesta seção, outro ponto de relevante destaque é a narrativa das primeiras perseguições ao cristianismo, episódios que culminam por propagarem o Evangelho para as outras regiões. Percebemos o divino plano de Deus (Economia da Salvação) na difusão do Evangelho. Também nos deparamos com a primeira narrativa da conversão de Paulo. Assim, em três momentos, é resumida a ação dos missionários nesta seção:

At 6,7: “E a palavra do Senhor crescia. O número dos discípulos⁹⁴ multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé”. A Igreja fortificava sua estrutura com a escolha de sete diáconos (6,1-7), o discurso de Estêvão anuncia o movimento “cristão” que se apartava dos

⁸⁸ Começa a realização da ordem missionária de Cristo. “O Espírito Santo descera sobre vós e dele recebereis força. Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

⁸⁹ Cf. nota “1” da Bíblia de Jerusalém: Novo Testamento, 1ª edição: Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 8.

⁹⁰ At 10, nos versículos 34-35 mostram através da conversão de Cornélio (centurião romano) a expansão étnica do cristianismo, pois, Deus não faz acepção de pessoas.

⁹¹ Lucas não usa o termo *διάκονος*, mas sim *διακονία*, que significa serviço. Eis os escolhidos: Estêvão, Filipe, Prôcoro, Nicanor, Timon, Parmenas, Nicolau. Todos têm nomes gregos. Assim, o grupo dos cristãos helenistas recebe uma organização separada do grupo hebreu. O ministério, de certa forma, se expande para fora da raça judaica (cf. nota “i” – Bíblia de Jerusalém, 8ª edição: Atos dos Apóstolos, capítulo 6, versículo 5).

⁹² Primeiro mártir cristão. Por sua atividade missionária foi expulso de Jerusalém e apedrejado até a morte.

⁹³ Segundo a tradição, foi martirizado na Frígia aos 87 anos de idade.

⁹⁴ “Os discípulos” nova maneira, em certas seções dos Atos (nem antes de 6,1, nem depois 21,6: indícios de fontes utilizadas por Lucas), de designar os cristãos, assimilados assim ao pequeno grupo de fiéis que aderiram a Jesus e que os Evangelhos designam por este nome. (cf. nota “d” – Bíblia de Jerusalém, 8ª edição: Atos dos Apóstolos, capítulo 6, versículo 1).

judeus e culminava com seu martírio, tornando-se uma nova realidade de testemunho, e iniciava a expansão abrindo perspectivas para novos personagens com novos rumos evangelizadores: Filipe, Pedro, Paulo, Barnabé. Eis um pequeno esquema: Filipe converte um eunuco da Etiópia na Samaria (8,4-40); Saulo, o outrora perseguidor dos que aderiam a Jesus, converte-se no caminho de Damasco e torna-se um novo propagador da Palavra de Deus, tendo como companheiro Barnabé (9,1-30); a figura de Pedro, que também inicia o processo universal de expansão da Igreja vivente, com uma visão que o leva a Cesaréia⁹⁵ e ali batiza a família de um centurião romano, Cornélio⁹⁶ (9,31-11,18). Em At 9,31: “Entretanto, as igrejas gozavam de paz em toda a Judéia, Galiléia e Samaria. Elas se edificavam e andavam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo”.

At 12,24: “Entretanto, a Palavra de Deus crescia e se multiplicava”, mesmo com o início das perseguições: Pedro é preso e Tiago, filho de Zebedeu, é decapitado (12,1-25).

3. Terceira seção: Barnabé e Paulo – A primeira viagem missionária e o primeiro Concílio de Jerusalém (13,1 - 15,35).

Na terceira seção do livro, começa a narrativa da primeira viagem missionária de Paulo⁹⁷ (12,1-14,28), especificamente no capítulo 13, enviados como missionários a Antioquia, evangelizam Chipre e penetram até Licaônia. Daí, nos depararmos com a expansão do cristianismo que ultrapassa a barreira do

⁹⁵ Cf. KASCHEL, W.; ZIMMER, R., *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 41. Porto que Herodes, o grande, construiu em honra a César Augusto na costa do Mediterrâneo, a 40 Km de Samaria. Cornélio, o centurião romano, era de lá (At 10. Paulo esteve preso por dois anos nesta cidade (At 23,31-26,32).

⁹⁶ Cornélio, um dos centuriões da corte itálica da Cesaréia (At 10,1), o primeiro gentio a se converter à fé cristã. As circunstâncias que acompanham este batismo provaram aos cristãos de origem judia que a circuncisão não era necessária à salvação. VICENTE, A., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 132.

⁹⁷ Paulo, Barnabé e João Marcos foram à Ilha de Chipre, onde já havia comunidades cristãs. Pregaram em Sálamis, percorreram toda a ilha até Pafos. De Pafos seguiram para Perge e Panfília, onde João Marcos se despede e volta para Jerusalém. Paulo e Barnabé seguem para Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra, Derbe e redondezas. Depois retornaram por Listra, Icônio e Antioquia da Síria (anos de 44-49).

mundo judaico e penetra a Ásia Menor, desbravando, com audácia e convicção, a dimensão territorial do Evangelho⁹⁸.

Com a nova geografia de evangelização surgiram divergências de culturas e costumes, fazendo-se mister um maior esclarecimento da nova fé que surgia no mundo. Mesmo convertendo muitos a Cristo, Paulo e Barnabé são convidados a voltarem a Jerusalém para, esclarecerem os novos rumos do cristianismo, antes um patrimônio exclusivo do povo judeu. Os conflitos de identidade foram debatidos e esclarecidos na primeira convocação da Igreja, para conciliar propostas. Assim, surgiu o Concílio de Jerusalém (At 15; cf. Gl 2,1-10), presidido por Tiago⁹⁹, então bispo da Igreja de Jerusalém. Convocação que tinha como encarte principal o colóquio entre os novos convertidos¹⁰⁰.

Com o concílio está concluída a terceira parte desta seção. Assim, Paulo tem mãos livres para levar, diante do mundo greco-romano a carga gloriosa e dolorosa do testemunho cristão, pois primeiro pregava aos judeus e, em seguida, aos pagãos¹⁰¹.

4. Quarta Seção: as grandes missões da Igreja primitiva (15,36 - 19,20)

A segunda e a terceira viagens de Paulo são narradas nesta parte¹⁰², que engloba a fundação das primeiras comunidades nos grandes centros da Ásia Menor, Macedônia e Grécia, dentre os quais estão Filipos, Tessalônica, Beréia,

⁹⁸ Começa, de fato, a realização da promessa: “Sereis, minhas testemunhas... até os confins da terra”.

⁹⁹ Cf. VICENTE, A., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 483. O “irmão do Senhor”; irmão de José, Simão e Judas (Mt 13,55; Mc 6,3; Gl 1,19). Chefe da primeira comunidade de Jerusalém (At 12,17). Ocupava um lugar de destaque na Igreja de Jerusalém da qual se tornaria bispo. Depois da ressurreição, é agraciado com a aparição de Cristo (1Cor 15,7). Livre da prisão, Pedro manda avisá-lo (At 12,14), Paulo vai visitá-lo em Jerusalém (Gl 1,18-19) e encontra-se com ele no Concílio de Jerusalém (Gl 2,9). Nesta ocasião, Tiago dá mostras de conciliação em relação aos convertidos e sua opinião é acatada (At 15,13-19). Ainda outra vez vai Paulo procurar Tiago em sua última viagem a Jerusalém (At 21,17-26). Segundo a tradição, morreu mártir em 62.

¹⁰⁰ Cf. DUPONT, J., *Estudos Sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1974, pp. 58-78. O Concílio Apostólico (ano de 49. Cf. At 15; Gl 2,1-10) tratava da problemática dos novos convertidos: deveriam eles ser ou não serem circuncidados? Porém os problemas não eram só esses. Dupont faz uma bela exposição na sua obra, relatando as divergências doutrinárias como também os problemas redacionais que as narrações trazem ao livro dos Atos..

¹⁰¹ Cf. ROBERT, A.; FUILLET, A., *Introdução à Bíblia, Tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, p. 327.

¹⁰² Nesta seção, repentinamente a narração passa para a primeira pessoa do plural. Provavelmente, o autor se encontra entre os companheiros de viagens de Paulo.

Corinto, Atenas e Éfeso. Ali, o Evangelho encontra-se em conflito com a cultura grega e com as autoridades e estruturas do Império¹⁰³.

O autor dos Atos está bem informado sobre alguns personagens que entram no universo de Paulo: Priscila, Áquila, que vêm de Roma; Apolo, um alexandrino eloqüente. Paulo parte com Silas e Timóteo de Listra. O Espírito Santo o conduz, contra a sua vontade, até Trôade. O relato da viagem passa repentinamente para a primeira pessoa do plural, o autor, provavelmente se encontra entre os companheiros de Paulo.

Lucas se interessa em narrar, particularmente, os acontecimentos em Éfeso, esta “segunda capital” do mundo Paulino, onde Paulo chega depois de sua peregrinação e lá permanece por dois anos (primeira fase da terceira viagem)¹⁰⁴.

5. Quinta seção: término das missões (prisão de Paulo) e chegada do Evangelho a Roma (19,21-28,29).

A quinta e última parte do livro enfoca, principalmente, a prisão de Paulo e sua chegada a Roma, pois fora encarcerado em Jerusalém e depois em Cesaréia. Levado em escolta militar para Roma, sofreu naufrágio antes de chegar, enfim a Roma, apresentando a prisão de Paulo. A narração é relatada da forma mais viva, no próprio estilo de Lucas.

Deste modo, a divisão obedece a uma dinâmica geral da trajetória estabelecida por Lucas considerando a dispersão do anúncio cristão, distinguindo-o da expansão da Boa Nova, que se dilata do mundo eleito, onde a figura de Pedro predomina, e se propaga para o mundo pagão pela imposição e ímpeto de Paulo. Assim, o livro dos Atos pode ser considerado como um prólogo adequado para o resto da história da igreja vigente¹⁰⁵.

¹⁰³ FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991. Cf. Quadro da página 23.

¹⁰⁴ Cf. ROBERT, A.; FUILLET, A., *Introdução à Bíblia, Tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, p. 327-328.

¹⁰⁵ HAHN, S. e MITCH, C., *The Acts of the Apostles*. San Francisco: Ignatius Press, 2002, p. 13.

O nosso texto de estudo, At 1,6-8 está situado na primeira seção do livro que, geralmente, é intitulada dentro do tema da primeira comunidade cristã¹⁰⁶, assim dividido:

I – A Primeira Comunidade Cristã (1,1-26)
1. Missão das testemunhas, despedida de Jesus e a Igreja Primitiva (1,1-26).
a. – Prólogo e despedida de Jesus (1,1-8) ¹⁰⁷ .
b. – Ascensão de Jesus (1,9-11).
c. – Primitiva congregação em Jerusalém (1,12-26).

Detalhando mais ainda nosso objeto de estudo, de maior interesse na estrutura, situamos o nosso texto em Atos 1,1-26. Esta delimitação Casalegno¹⁰⁸ chama de: “passagem da época de Jesus para o tempo da Igreja”.

I – A Comunidade Primitiva Cristã (1,1-26)
a. – Prólogo (1-2): o autor dedica seu livro a Teófilo e narra o que Jesus fez durante seu ministério com as instruções que dera aos apóstolos que escolheu sob a ação do Espírito Santo.
b. – Aparições de Jesus (1,3-5): aparece-lhes durante quarenta dias e fala-lhes sobre o reino de Deus. Numa refeição, ordena-lhes que não se afastem de Jerusalém e aguardem a promessa do Pai, o batismo no Espírito Santo.
c. – Diálogo com apóstolos e promessa (1,6-8): estando reunidos, os apóstolos o interrogam sobre o tempo da restauração de Israel. E Jesus não responde sobre o tempo, mas fala de dois tempos: χρόνος e καιρός que estão sob a autoridade do Pai. E confia-lhes a missão até os confins da terra.
d. – Ascensão (1,9-11): fato marcante para a passagem ao “novo tempo da Igreja”, Jesus é elevado diante deles e uma nuvem ocultou seus olhos. E dois “anjos” falam da glória de Jesus que foi arrebatado para junto de Deus. Assim, é finalizado o tempo das ações de Jesus terreno e depois de sua elevação, a Igreja será plenamente concretizada em Atos 2.
e. – O grupo dos apóstolos e outros seguidores (1,12-14): depois da ascensão, os apóstolos voltam a Jerusalém e aguardam a promessa do Pai em oração, o grupo dos Onze, junto com algumas mulheres e os “irmãos de Jesus”. Todos eram perseverantes na oração.
f. – Escolha de Matias (1,14-26): para completar a “fundação da Igreja” no alicerce dos Doze, conforme as Escrituras, é escolhido um substituto para Judas, um outro recebe o cargo. Pedro toma a palavra, em meio de mais ou menos 120 pessoas. Era necessário que esse novo membro tivesse acompanhado o “tempo de Jesus”, o tempo que viveu em nosso meio, tivesse testemunhado seu batismo, ministério e ascensão. Entre Barsabás e Matias, o segundo foi o escolhido em oração na sorte. E Matias foi incluído no grupo dos Doze.

¹⁰⁶ MARSHAL, I. H., *The Acts of the Apostles*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1980, p. 51; FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles – Hch 1,1,8-40 (vol I)*. Salamanca: Sígueme, 2003, p. 182; FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 23.

¹⁰⁷ O texto At 1,1-8 é usualmente dividido por grandes partes dos estudiosos em At, 1,1-5, que contém o prólogo e as aparições de Jesus e At 1,6-8 que apresenta o diálogo de Jesus com os apóstolos e a promessa do Pai. Cf. CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 91.

¹⁰⁸ CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. op. cit. 90-102.

2.1.2. Gêneros literários dos Atos dos Apóstolos

Seguindo a obra Lucana, os Atos se deparam com uma peculiar característica no seu modelo e no seu gênero. Desde o seu prólogo, Lucas tenta mostrar aos seus leitores a dignidade de sua obra, pois na época em que o livro foi escrito já se encontrava uma vasta variação de estilos e gêneros literários, que compunham um rico conjunto de obras, tanto cristãs como pagãs¹⁰⁹.

Assim, Lucas parte de uma busca nos precedentes bíblicos como inspiração para compor a sua obra, de onde grandes modelos dentro da própria Sagrada Escritura e em outros escritos da época emergem¹¹⁰.

Apesar de algumas influências literárias (literatura judaica, tradição bíblica, literatura profana, histórias religiosas, LXX), a postura dos Atos adquiriu dimensão própria, que impressiona por sua variedade e enveredamento dos modelos de expressão¹¹¹, difundindo-se em textos que se alteram em narrações¹¹², discursos¹¹³ (predicas missionárias e querigmáticas, catequéticas, instrutivas,

¹⁰⁹ CHAMPLIN, R. N., *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo, vol III – Atos dos Apóstolos e Romanos*. São Paulo: Hagnos, 1998, p. 6. Lucas adota estilo parecido aos hábitos literários helenísticos, escritos de Flávio Josefo e de Filon, os modelos profanos, orientações históricas, biográficas e anedóticas do mundo grego, relatos de milagres, aparições, visões, cenas teofânicas, relatos de viagem, discursos.

¹¹⁰ FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 18. Lucas usa como modelo literário a “história religiosa” seguindo tais paradigmas: Livros Históricos, Macabeus, literatura religiosa judaica, os escritos de Flávio Josefo e Filon.

¹¹¹ FABRIS, R., op. cit., p. 19.

¹¹² Como por exemplo, o prólogo (At 1,1-5) que descreve a obra como uma narração ordenada, em que os relatos estão unidos com ordem, não necessariamente cronológica. Conforme Lucas 23,5, o ministério de Jesus divide-se em Galiléia, Judéia e Jerusalém; Atos 1,1-2 resume-o em fazer e ensinar, marcado entre “começo” e sua subida ao céu. Outros exemplos, At 1,21s: marca entre o batismo de João e a subida de Jesus ao céu; At 10,37-41: distingue entre o batismo de João e a unção de Jesus com o poder do Espírito Santo. Cf. MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Editora Ave-Maria, 2000, p. 279. O contínuo caráter narrativo da exposição nos Atos dos Apóstolos diferencia-o do Evangelho e a maior parte dos episódios dos Atos dos Apóstolos são transmitidos em forma narrativa. Cf. FITZMYER J. A., *Los Hechos de los Apóstoles – Hch 1,1-8,40 (vol. I)*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, p. 151.

¹¹³ Os discursos fornecem o tema de excelentes estudos, diversamente orientados, e são o bom êxito do Livro dos Atos. Os discursos dos Atos são desta ordem. Eles nos revelam, tanto, e quiçá melhor do que o relato, a significação dos acontecimentos a que assistimos. Cf. ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Editora Herder, 1968, pp. 339. Em Atos, os discursos são sempre explicação da atuação das testemunhas. Esse caminho do testemunho compreende vários passos: Jerusalém, Judéia, Samaria e até os “confins da terra” (At 1,8). Cf. MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Editora Ave-Maria, 2000, p. 306.

apologéticas, litúrgicas e celebrativas; até mesmo doutrinárias, como é o caso do Concílio de Jerusalém), reflexões dramáticas e profundas, que apresentam diversos estilos, por exemplo: relatos de milagres, aparições, profecias, visões, teofanias, relatos de viagens (com certa desenvoltura em datas e lugares), missões, etc¹¹⁴. Como por exemplo: os discursos de Pedro: At 3,12-26; 4, 8-12; 5, 29-32. Os discursos de Paulo: At 13, 16-41; 14,14-17; 17,22-31. O discurso de Estêvão: At 7.

Assim, Lucas recorre aos modelos oriundos da tradição cristã e se apóia nos testemunhos oculares¹¹⁵, que imbuídos de ensinamentos, fórmulas de fé, coleções de textos bíblicos transmitidos nas comunidades em forma oral ou escrita, completam-se mutuamente, exalando toda a temática e intenção de Lucas.

Deste modo, Lucas concebe e assimila as experiências recebidas e experimentadas dos primeiros cristãos, procurando relatar “fatos que se cumpriram entre nós”. Porém não como simples narração, mas como testemunha fiel, presença marcante de uma experiência verdadeira¹¹⁶.

Assim, ele enfatiza uma apresentação constante que enche de realidade a manifestação do evangelista como testemunha real do acontecimento, ou seja, Lucas parece participar dos fatos que o ajudaram à compilação do seu livro¹¹⁷.

¹¹⁴ ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Editora Herder, 1968, pp. 334-345.

¹¹⁵ PIRAKA, J., *A Teologia de Lucas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978, p. 10. Os apóstolos e os próprios ministros da palavra, os primeiros pregadores.

¹¹⁶ MARSHAL, I. H., *The Acts of the Apostles*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1980, p. 43. Nos argumentos sobre a evidência interna de que a autoria dos Atos seja de Lucas, Marshal diz que as passagens escritas na 1ª pessoa do plural são a explicação mais plausível de que estas provêm da pena de algum companheiro de Paulo, e que foram incorporadas em Atos sem mudança de estilo, por ter sido o autor desta origem documentária o próprio autor do Livro.

¹¹⁷ Cf. WIKENHAUSER, A., *Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Herder, 1967, p. 16. A antiga tradição eclesial atribui unanimemente a composição do Terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos ao médico Lucas, mencionado em Cl 4,14, por algum tempo companheiro de Paulo. Irineu de Lion (morto em 200 d.C.), disse que Lucas, autor do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, foi companheiro e colaborador de Paulo, e apóia sua afirmação nas passagens em primeira pessoa do plural (a chamada seções “nos”) contidas nos Atos dos Apóstolos. O antigo Cânon romano (por volta do ano 200 d.C.), o Fragmento de Muratori, sustenta que Lucas narra em seu Evangelho o que ouviu e nos Atos o que pessoalmente viveu.

2.1.3. Língua e estilo de Atos dos Apóstolos

A primeira abordagem de um livro é medida pela Língua, condensada em um certo número de vocábulos e de construções preferidas do autor¹¹⁸. Assim, partindo desta perspectiva, constatamos no livro dos Atos certas particularidades que o diferenciam dos outros livros neotestamentários.

O livro dos Atos dos Apóstolos possui uma linguagem que o coloca em consonância com o grego *koiné*¹¹⁹, usado no ambiente popular e literário de seu tempo. Estes elementos da literatura grega são mais pronunciados nos seus escritos do em que qualquer outro escrito do Novo Testamento, com exceção da carta aos Hebreus¹²⁰. Considera-se o grego de Lucas, junto ao da carta dos Hebreus, como o mais bem cuidado e o mais elegante de todo o Novo Testamento¹²¹.

No confronto com outras obras literárias neotestamentárias, constatamos, no livro dos Atos, uma rica variedade de vocábulos, que nos leva a perceber a sensibilidade da obra de Lucas. Outrossim, no Novo Testamento, as obras que se assemelham em opulência a esta obra são as cartas de Paulo.

O livro dos Atos dos Apóstolos consta de 450 termos próprios¹²², ou seja, não são encontrados em outras obras do Novo Testamento. Outro fato que podemos destacar é a afinidade dos Atos com a Tradução grega dos LXX¹²³ e de

¹¹⁸ FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 17.

¹¹⁹ Κοινή: “comum” ou “público” em grego; língua falada correntemente na Bacia Mediterrânea, na época romana. Está na origem do grego bíblico. Também chamado de grego helenístico, resultado do processo de helenização, ou seja, expansão da cultura grega, iniciada com Alexandre, o Grande, por volta do ano 330 a.C.

¹²⁰ CONZELMANN, H., *Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress Press, 1987, introduction, p. xxxv. Embora a nota “53” desta obra identifique que o autor Ludwig Rademacher, da Escola de Tübingen (1925) discorda desta posição, alegando que a linguagem de Atos é muito “suave, educada” para ser próxima do *koiné*.

¹²¹ MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Aparecida: Editora Ave-Maria, 2000, p. 273.

¹²² ROBERT, A.; FUILLET, A., *Introdução à Bíblia, Tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, p. 353). Número aproximado à explanação de Rinaldo Fabris, 500 vocábulos. FABRIS, R., op. cit, p. 17).

¹²³ MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A. R., *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Op. cit., 274-279. A compilação de Lucas muito se assemelha à tradução grega dos LXX no estilo, na forma de linguagem e estrutura.

outros escritos da época, tais como os escritos Áticos, os escritos de Plutarco e o grego dos papiros.

Também é importante observar o número de palavras latinas usadas nos Atos dos Apóstolos: χριστιανοί (cristãos); Καισαρ (Caesar); κολώνια (colônia); πραιτόριον (pretório); σουδαριον (sudário); e muitos nomes próprios transcritos do latim: Agrippa, Alexandre, Áquila, Cláudius; Cornelius; Félix, fórum, Roma, Syracuse. Há várias expressões latinas em forma grega: “το ἵκανον λαμβανίεν (satis accipere – At 17,5); οἱ/εσθε αὐτοί (vos ipsi videritis – At 18,15)”¹²⁴.

Assim, a linguagem do livro alcança uma sensibilidade que abusa do bom estilo clássico grego, com fortes doses de helenismo. O estilo do livro é geralmente corrente e límpido, com algumas passagens pedregosas e emaranhadas¹²⁵, que o coloca em sintonia com a linguagem habitual da época, além de evocar uma mistura sintática de suas formas, caminhando, ora na forma clássica, ora na linguagem popular.

Porém, a composição do livro dos Atos dos Apóstolos manifesta as preferências culturais do autor e seu estilo redacional, que demonstra uma abertura a vários ambientes espirituais, fundamentando a trajetória expansionista do evangelho de Jesus para todos os lugares, até os “confins da terra”.

A dinâmica dos Atos confunde-se com a própria história da Igreja que se desenvolve sob o impulso do Espírito Santo (9,31), dom do Filho, na autoridade querigmática da Palavra, na pregação dos apóstolos que garantem a comunhão da Igreja vigente. Deste modo, estes traços indicam uma obra ao mesmo tempo literária e apologética.

¹²⁴ FITZMYER J. A., *Los Hechos de Los Apóstoles – Hch 1,1-8,40 (vol. I)*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, p. 177.

¹²⁵ FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 353. Linguagem corriqueira, influência dos semitismos.

2.2. O contexto histórico dos Atos dos Apóstolos

Damos um novo passo no estudo, agora situando o livro dos Atos dentro do seu contexto histórico e, assim, traçar um perfil de quem escreveu o livro, quando, e como se deu esta formação redacional.

Vale salientar a importância do estudo do contexto histórico para a formação de um livro bíblico, visando não cairmos no erro de leitura que separa a composição de sua realidade, mesmo trazendo o livro para o momento atual. Lucas escreveu os Atos dos Apóstolos com olhos bem abertos para a realidade de sua época¹²⁶.

A situação histórica é muito importante para a compreensão de um livro bíblico, ajuda a entender sua composição, compreender o sentido do texto. A busca histórica fundamenta a pesquisa bíblica, quer seja teológica ou exegética. Assim, faremos o caminho histórico dos Atos dentro das perspectivas: social, política e religiosa da sua época de redação.

Contexto social e político: é sabido historicamente que o povo de Jesus era dominado pelos romanos. Logo, a influência social e política eram demasiadas. Portanto, diante destes aspectos, podemos entender certas situações nas quais passavam os judeus.

a) A sociedade romana das cidades no tempo de Jesus era formada por livres e escravos. A classe dos livres era formada: por metecos¹²⁷ e cidadãos¹²⁸, que faziam parte da *ἐκκλησία* ou assembleia.

¹²⁶ MESTERS, C. & OROFINO, F., *Atos dos Apóstolos*, São Paulo: Paulus, 2002, p. 25.

¹²⁷ Numerosos nas cidades gregas, eram geralmente comerciantes (hábeis como os judeus), armadores, gramáticos retores, filósofos, médicos, astrólogos e magos. Metecos: estrangeiros domiciliados eram chamados, na Grécia, de *μετοιχοι* ou *παροιχοι* e, em Roma *peregrinos*. Socialmente, eram livres e poderiam se estabelecer onde quisessem e exercer suas profissões, ter seus cultos.

¹²⁸ Ao contrário dos metecos, habitavam uma cidade e possuíam todos os direitos civis e de culto, podiam aspirar a cargos, tinham a cidadania comprada por altos preços ou recebiam por concessão do imperador. Os cidadãos romanos não podiam ser flagelados, Paulo usou esse recurso para ser julgado em Roma (At, 16,38; 22,24ss; 25,10ss).

Os escravos não possuíam direitos civis nem podiam constituir famílias, eram tratados com muita dureza em Roma, considerados como animais e chamados de *σομα* ou *ζωον*, em latim: *greges ancillarum, legionis mancipiorum*, desenvolviam trabalhos agrícolas ou serviços domésticos. Entre os escravos, o cristianismo encontrou muitos adeptos, pois, na nova religião, eles eram considerados filhos de Deus e irmãos de Cristo, adquirindo sua dignidade humana. Uma lógica menção sobre o sentido da escravidão no Novo Testamento, conferir a Epístola de Filemon¹²⁹.

b) Em relação à posição política, os imperadores romanos da época do Novo Testamento foram Tibério¹³⁰, que com a morte de Augusto¹³¹ reinou entre o período de 14 a 37. Sob o seu governo temos a vida pública e a morte de Jesus, o nascimento da comunidade cristã e a conversão de Paulo¹³². Era costume de Tibério deixar os governadores das províncias por longo tempo no cargo. Seu governo teve como procuradores da Judéia Valério Grato, nomeado no ano 15, e Pôncio Pitalos¹³³, no ano 26. Como tretrarca teve Herodes Ântipas¹³⁴. Com a

¹²⁹ Cf. MAZZAROLO, I., *A Bíblia em Suas Mãos, 7ª edição*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005, pp. 183-184. No seu livro, no capítulo sobre a Epístola a Filemon, o autor, no plano e conteúdo, desenvolve na saudação e ação de graças (1-7), que Paulo e Timóteo escrevem a seu colaborador Filemon, exortando o mesmo a perdoar ao escravo Onésimo e acolhê-lo (8-16). Filemon tinha uma dívida pessoal com Paulo, e este pediu que a pagasse recebendo Onésimo (17-21).

¹³⁰ Cf. VICENT, A., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 484. Segundo dos imperadores romanos, sucessor de Augusto, de 14 a 37 d. C. No seu reinado, estão a vida e a morte de Cristo. Consoante Lc 3,1, foi no 15º ano de Tibério que João Batista começou sua pregação e foi, sem dúvida, um denário com sua efígie, apresentando a Jesus quando este disse: “Dai a César...” (Mc 12,15-17).

¹³¹ Cf. MCKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Editora Paulus, 1984, p. 97. Caio Otávio (cognome desconhecido), sobrinho de Caio Júlio César. Quando César o adotou como herdeiro, tomou o nome de Caio Júlio César Otaviano. Nas guerras civis que se seguiram à morte de César, Otaviano triunfou finalmente em 31 a.C. O título de Augusto (venerável) foi-lhe conferido pelo Senado em 27 a.C. Ele recusou o título de rei, mas governou mediante o controle do Senado e mantendo em suas mãos as funções de tribuno e procônsul das províncias onde as legiões estavam estacionadas. Jesus nasceu sob o seu governo (Lc 2,1). Todos os imperadores posteriores conservaram o título de Augusto. Ele foi protetor de Herodes Magno, que antes fora seguidor de Antônio: Augusto o confirmou rei dos hebreus.

¹³² BALLARINI, P. T., *Introdução à Bíblia com Antropologia Exegética, VI: Atos dos Apóstolos e Grandes Epístolas Paulinas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974, p. 21. Entre os testemunhos não-bíblicos, temos os relatos de Tácito, em *Annales*, VX, 44.

¹³³ MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M., *Dicionário Bíblico Universal*. Aparecida / Petrópolis: Editora Santuário / Vozes, 1997, p. 629. Pôncio Pilatos foi prefeito da Judéia de 26 a 36 d.C. Além de citado nos Evangelhos, seu nome também figura em Tácito e Filon. Era um romano da ordem equestre, ou seja, da classe média superior. Em seu encontro com Jesus, parece incapaz de ver a ilegalidade dos atos do sinédrio que não instaurara processo regular. Depois disso, se deixa intimidar por uma multidão amotinada e, segundo Mc 15,2-15 e Mt 27,11-26, assume a responsabilidade do suplício que ele confia a suas próprias tropas. É responsável pelo massacre

morte de Tibério (16 de março de 37), o trono foi sucedido por Caio César Calígula, que governou até o ano de 41. Calígula restituiu o reinado de Herodes “o Grande” dando o título de rei ao seu sobrinho Agripa I. Durante seu governo foi forte a perseguição aos judeus que cessou com a nomeação de Cláudio¹³⁵.

Após Calígula, reinou Cláudio Nero Drusso que permaneceu no trono até o ano de 54 d.C. Alguns procuradores do reinado de Cláudio são relacionados por Paulo na Bíblia. Sob seu reinado, alguns fatos são narrados no Novo Testamento, como a fome (At 11,28) que é também lembrada por historiadores profanos (Flávio Josefo, Suetônio, Tácito, entre outros), bem como a expulsão dos judeus de Roma¹³⁶.

Cláudio foi sucedido por Nero (talvez o mais polêmico imperador da época do Novo Testamento), que reinou de 54 a 68. Famosa, na história, é a sua acusação aos judeus do incêndio de Roma em 64, que culminou com uma grande perseguição aos judeus.

Com a morte de Nero (09 de junho de 68), seguiram-se breves governos de Galba (68-69), Otão (69) e Vitelo (69) até a nomeação de Tito Flávio Vespasiano (69-79)¹³⁷ que fundou a dinastia dos Flávios. Tito Flávio Vespasiano foi saudado imperador em 1 de julho de 69. Vespasiano restaurou o império romano e foi sucedido pelos filhos Tito (79-81) e Domiciano (81-96)¹³⁸.

dos galileus no templo (Lc 13,1-2). A primeira epístola a Timóteo cita Pôncio Pilatos para situar no tempo o martírio de Jesus (1Tm 6,13).

¹³⁴ Cf. DOUGLAS, J. D., *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Nova Vida, 1998, p. 711. O tetrarca (Lc 3,19), o qual tinha o nome de Antipas. Era filho de Herodes e Maltace, e herdou as porções da Galiléia e da Peréia, pertencentes ao reinado de seu pai. Nos evangelhos, ele aparece com destaque, principalmente, por causa de sua participação no aprisionamento e execução de João Batista (Mc 6,14-28), bem como por causa do seu breve encontro com Jesus, quando foi enviado por Pilatos para ser julgado (Lc 23,7). Jesus o descreveu como uma raposa (Lc 13,31).

¹³⁵ BALLARINI, P. T., *Introdução à Bíblia com Antropologia Exegética, VI: Atos dos Apóstolos e Grandes Epístolas Paulinas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974, p. 22.

¹³⁶ COLEÇÃO PATRÍSTICA. *História Eclesiástica: Eusébio de Cesaréia*. São Paulo: Editora Paulus, 2000, capítulo 8, p. 83.

¹³⁷ COLEÇÃO PATRÍSTICA. *História Eclesiástica: Eusébio de Cesaréia*, op. cit., capítulo 12, p. 134. Sob seu reinado, temos a dolorida queda de Jerusalém, no ano 70, e perseguição aos descendentes de Davi, a fim de que não restasse entre os judeus ninguém de estirpe real.

¹³⁸ BALLARINI, P. T., *Introdução à Bíblia com Antropologia Exegética, VI: Atos dos Apóstolos e Grandes Epístolas Paulinas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974, p. 23. Sob este, os cristãos foram também perseguidos e o apóstolo João, exilado para a ilha de Patmos, na Grécia.

Após a dinastia dos Flávios, temos como governantes Nerva (96-98) e Trajano (98-117), em cujo domínio, segundo a tradição, caem os últimos anos do apóstolo João como também se encerram os tempos do Novo Testamento.

Sobre a divisão administrativa, o império romano era dividido em províncias (επαρχεία) que, por sua vez, eram divididas em categorias: imperiais¹³⁹ e senatórias¹⁴⁰.

c) No sentido religioso, o fenômeno mais notável dentre as várias manifestações religiosas do mundo greco-romano era a religião imperial, ou seja, o culto a Roma e ao imperador. Seu culto oficial surgiu com Augusto, que recebeu forte influência com a nomeação de Alexandre “o Grande” (ano 332) pelos oráculos e pelos sacerdotes como “filho de Amon” que equivalia em grego ao “filho de Zeus”. Augusto se intitulou herdeiro e sucessor de Alexandre. Já a partir de 29 a.C., as cidades da Ásia Menor, Pergámo, entre outras, organizavam seus cultos ao imperador. Nestas cidades havia templos dedicados à deusa Roma.

Nero e Domiciano estimularam e exigiram a adoração a sua pessoa. Sob Domiciano, o culto ao imperador ganhou sentido universal tornando-se expressão de lealdade do cidadão ao próprio império. O cristianismo encontrou vários problemas com relação ao culto imperial, como, por exemplo, o próprio Jesus que sofreu com esta acusação (Lc 23,2).

Assim, a situação do livro no seu contexto serve para mostrar as crises e dificuldades dos primeiros cristãos e situá-los no momento atual, já que a narrativa teológica-histórica do livro abrange o período da ascensão de Cristo, por volta do ano 30 d.C., até a chegada de Paulo a Roma, por volta do ano 60 da era cristã, e sua composição redacional se dá por volta dos anos 80/90 da nossa era.

¹³⁹ BALLARINI, P. T., *Introdução à Bíblia com Antropologia Exegética, VI: Atos dos Apóstolos e Grandes Epístolas Paulinas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974, p. 30. Situadas na periferia do império, estavam sujeitas a ataques, por isso tinham uma guarnição militar e uma dependência direta do imperador. Havia três espécies de províncias imperiais: as consulares, pretórias e as procuratórias (entre estas constavam a Judéia com a Samaria e a Iduméia). Outras importantes províncias imperiais: Síria, Cilícia, Egito, Chipre.

¹⁴⁰ BALLARINI, P. T., op. cit, p. 33. Em geral, estavam situadas no centro do império, eram pacíficas e governadas por um procônsul (cf. At 18,22; 13,7. A província da Acaia foi província imperatária de 15-44; a partir de 44, tornou-se senatoria, motivo pelo qual seu chefe recebe o título de procônsul). Entre as senatórias constavam-se: África, Ásia, Acaia, Dalmácia, Macedônia, Sicília.

Daí entender a importância do contexto histórico para um estudo sério de um livro bíblico¹⁴¹.

Vários são os relatos sobre o ambiente histórico do livro, mesmo porque há sempre a questão da historicidade do mesmo. Como tratar desta questão? No capítulo, ofereceremos pistas que podem elucidar respostas, claro, não como verdade absoluta, mas como caminho de reflexão.

d) A Palestina nos tempos de Jesus: em relação à situação política, a Palestina estava sob ocupação romana. A cultura dominante no país era a judaica, mas também o grego é a língua dominante. Predominava a diversidade entre as culturas: hebraica, grega, romana. Roma respeitava bastante as instituições e peculiaridades dos povos que dominava. Havia um representante romano que governava ajudado de uma pequena guarda¹⁴².

A vida de Jesus se desenvolveu no tempo dos imperadores Augusto e Tibério. Herodes, o Grande, é o rei de toda a Palestina, na época do nascimento de Jesus. Ao morrer, os filhos assumem o seu posto: Herodes Antipas herda a Galiléia e Arquelau, a Judéia. Há também, no tempo de Jesus, judeus rebeldes que lutam pela independência da Palestina. Entre eles, Judas Galileu¹⁴³ e os zelotes¹⁴⁴.

A situação social da Palestina se compunha de dois grupos sociais predominantes: os judeus, habitantes da própria Palestina, e os pagãos romanos.

¹⁴¹ CHAMPLIM, R. N., *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, vol. III – *Atos e Romanos*. São Paulo: Hagnos, 2003. pp. 1.4-6.

¹⁴² Cf. SCHLAEPFER, C. F.; OROFINO, F. R.; MAZZAROLO, I., *A Bíblia: Introdução Historiográfica e Literária*, 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, pp. 133-134. O imperador romano, para manter sob controle todo o império, possuía três formas administrativas ao seu dispor: Províncias romanas senatoriais, confiadas ao senado e governadas por um procônsul; Províncias romanas imperiais, governada diretamente pelo imperador; Províncias romanas procuratórias, governada por um procurador romano, era o caso da Palestina. Os procuradores eram escolhidos pelo imperador para casos mais delicados. Exerciam um poder legislativo e judiciário, além do encargo de arrecadar imposto. Era também de sua alçada a decisão de pena de morte. Tinham, à sua disposição, tropas auxiliares recrutadas do próprio lugar, com cerca de 2.500 soldados.

¹⁴³ KASCHEL, W.; ZIMMER, R., *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 96. Um revolucionário que atraiu um bom número de seguidores, como narra o livro dos Atos dos Apóstolos (5,37), também é mencionado por Flávio Josefo.

¹⁴⁴ VICENT, A., *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 504. O sentido primitivo é de zeloso (At 21,20; 22,3; Gl 1,14). Partido político de rebeldes fanáticos contrários à dominação romana; nacionalistas, fundamentalistas e violentos, queriam uma nação livre e governada em nome de Deus. Fundado por Judas de Gamala em 7 d.C., teve um papel relevante em 64-65, sob Gêrsio Floro, e na revolta de Jerusalém contra Roma.

Havia muitos judeus na diáspora, ou seja, vivendo fora da Palestina. Dentro do grupo judeu, havia duas linhas do ponto de vista religioso influente: os fariseus¹⁴⁵ e os saduceus¹⁴⁶.

Outras classes sociais: a grande maioria era de gente simples e religiosa. Os sacerdotes eram quem cuidavam do templo e ofereciam os sacrifícios, ajudados pelos levitas¹⁴⁷. Os guardas colocavam ordem no templo. Com mais recursos, havia os escribas, mestres e advogados. Os anciãos eram determinantes para as decisões importantes. Havia também os essênios ou monges de Qunram, espécie de ordem religiosa; os discípulos de João Batista. Não bem vistos pelo povo, os publicanos, unidos aos romanos, cobravam impostos, eram ricos e odiados; considerados pecadores, não obedeciam à lei; os herodianos eram revolucionários que desejavam que a família de Herodes tomasse o poder na Palestina¹⁴⁸.

¹⁴⁵ KASCHEL, W.; ZIMMER, R., *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 71. Era um grupo de maioria leiga, embora fizessem parte dele alguns sacerdotes. Obedeciam estritamente à Lei de Moisés. Respeitavam as tradições (o sábado, os ritos de purificação, as orações, a esmola, o dízimo etc), estudavam a Lei de Moisés, eram influentes e respeitados. Esperavam a futura vinda de um Messias libertador político, acreditavam na ressurreição final, desejavam a independência da Palestina. Embora vivessem com os romanos, não eram seus amigos. Paulo se dizia fariseu (At 23,6).

¹⁴⁶ KASCHEL, W.; ZIMMER, R., op. cit., p. 141. Era o grupo religioso ao qual pertenciam as famílias sacerdotais mais importantes. Também queriam a independência, mas viviam sem grandes problemas sob a dominação romana. Rejeitavam as tradições orais judaicas e não acreditavam na ressurreição. Eram ricos e se davam com os fariseus (At 23,6-8), porém se uniram contra Jesus e seus seguidores.

¹⁴⁷ Cf. SCHLAEPFER, C. F.; OROFINO, F. R.; MAZZAROLO, I., *A Bíblia: Introdução Historiográfica e Literária*, 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 137. Existiam duas ordens de clero que serviam ao templo: sacerdotes e levitas. Ambas as ordens eram hereditárias. No tempo de Jesus, havia cerca de 20 mil sacerdotes, com trabalhos e rendas divididos por categoria.

¹⁴⁸ Cf. SCHLAEPFER, C. F.; OROFINO, F. R.; MAZZAROLO, I., op. cit., pp. 121. 123. 126.

2.2.1. Autoria

Duas linhas de argumentos favorecem a identificação de Lucas como o autor dos Atos dos Apóstolos. Em primeiro lugar, a evidência interna que se baseia nas passagens na qual o autor escreve na primeira pessoa do plural como uma evidência plausível, colocando-se como um companheiro de Paulo, e como este companheiro, Lucas destaca-se. Em segundo lugar, a evidência externa que foi extraída dos relatos dos escritores da Igreja primitiva, entre eles Irineu (180 d.C.)¹⁴⁹.

Apesar de alguns críticos apontarem contra a autoria de Lucas, entre os quais: Jülicher, Fascher, Liysy, e principalmente, Haechen¹⁵⁰, vamos seguir a posição da Tradição Antiga da Igreja¹⁵¹ que acentua Lucas como autor dos Atos dos Apóstolos¹⁵². Neste sentido, o autor, seguindo a tradição, Lucas¹⁵³, que também escreveu o Terceiro Evangelho¹⁵⁴, seria um homem culto, profundo conhecedor da sua época e da língua grega¹⁵⁵, razão pela qual corresponde a ótima linguagem dos Atos. "Médico querido", que acompanhou Paulo nas suas viagens e que com ele esteve no cativeiro de Roma (At 28,16; 2Tm 4,11).¹⁵⁶

Uma prova que confirma e fundamenta esta posição é a seção “nós”, que nos leva à percepção de que o autor acompanhava Paulo nas suas viagens (cf. At 16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-28,16). Ora, sobre os companheiros de Paulo

¹⁴⁹ MARSHAL, I. H., *The Acts of the Apostles – An Introduction and Commentary*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1980, pp. 43-46.

¹⁵⁰ ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Editora Herder, 1968, pp. 349-350.

¹⁵¹ WIKENHAUSER, A., *Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, p. 16. A Tradição antiga é unânime em apontar Lucas como autor dos Atos. Entre os testemunhos, encontramos os escritos de Irineu (entre 140 e 160), Clemente de Alexandria (200 d.C.), o Cânon de Muratori, Eusébio de Cesárea (263-339) e São Jerônimo (347-419).

¹⁵² HAHN, S. e MITCH, C., *The Acts of the Apostles*. San Francisco: Ignatius Press, 2002, p. 13.

¹⁵³ A figura de Lucas é citada em outras passagens da Bíblia: Cl 4,14; 2 Tm 4,11; Fl 24.

¹⁵⁴ A paternidade literária dos Atos está relacionada com a do Terceiro Evangelho, pois o livro dos Atos começa com o prólogo que diz: “Compus meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o início” (At 1,1). A dedicação à mesma pessoa supõe que o autor do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos seja o mesmo. Cf. FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles, vol I: Hch 1,1-8,40*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, pp. 92-95.

¹⁵⁵ CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudo da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Paulinas, 2005, p. 39.

¹⁵⁶ ROBERTSON, A. T., *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento, vol. III – Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Libros CLIE, 1989, p. 8.

convém que Lucas seja o autor deste escrito. Ademais, o autor das “seções-nós” é quem compôs toda a obra: Lucas, portanto, é o autor dos Atos¹⁵⁷.

Porém, alguns críticos vão contra esta afirmação. Entre eles, temos os racionalistas da Escola de Tübingen, hoje já superada, que coloca a confecção da obra por volta do ano 150 d.C. Com esta data, o autor não poderia ser Lucas.

A grande maioria dos críticos afirma ser Lucas o autor do livro; estudos como os escritos de M. Dibelius, seguido por A. Harnack e H. J. Canbury identificam a autoria de Lucas, tal como W. G. Kümmel, M. Goguel, E. J. Goodspeed, F. W. Grosheide, E. Jacquier, V. Born¹⁵⁸.

Diante dessas considerações tão plausíveis, é mister, a concordância de atestar Lucas como o autor do livro dos Atos dos Apóstolos, diante das evidências internas e externas. Assim, relato o testemunho de Eusébio de Cesaréia, - depois de ter afirmado que Lucas¹⁵⁹ esteve com Paulo em Roma, - que escreve: “por isso, até este tempo fez sua exposição dos Atos dos Apóstolos, tendo relatado tudo o que tinha ocorrido até quando ele tinha ficado com Paulo” (Eusébio de Cesaréia: História Eclesiástica 2,22.6)¹⁶⁰.

¹⁵⁷ FABRIS, R., *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 32.

¹⁵⁸ DUPONT, J., *Estudos Sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974, pp. 17-24.

¹⁵⁹ CASALEGNO, A., *Ler os Atos dos Apóstolos: Estudos da Teologia Lucana da Missão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, nota “22”, p. 37. O prólogo antimarcionista do evangelho e Jerônimo sintetizam o perfil biográfico de Lucas: “um sírio de Antioquia, médico de profissão, discípulo dos apóstolos, mais tarde seguiu Paulo até o martírio. Serviu sem restrições ao Senhor, nunca se casou nem teve filhos. Morreu com a idade de oitenta e quatro anos em Boétia, repleto do Espírito Santo”.

¹⁶⁰ HAHN, S.; MITCH, C., *The Acts of the Apostles*. San Francisco: Ignatus Press, 2002, p. 13.

2.2.2. Data e fontes de Lucas

A respeito da data de composição, muitas são as tentativas e teorias para atestar com precisão a data de formação do livro. Há divergências em frisar o período, antes ou depois da morte de Pedro, e, principalmente, de Paulo. Rinaldo Fabris atesta uma tradição que remonta à composição “anterior aos anos 60-63, devido ao brusco encerramento do livro onde nada se diz do processo de Paulo em Roma”¹⁶¹. Outros críticos também colocam a composição antes da morte de Paulo¹⁶², principalmente os estudiosos católicos¹⁶³.

A questão é, atualmente, objeto de reconsideração da parte desses estudiosos. Como a Comissão Bíblica sempre teve a intenção de deter-se aos verdadeiros progressos científicos, aprecia novas considerações a respeito da data de composição de Atos e revê sua datação anterior. Na tradução do Evangelho de Marcos¹⁶⁴ (Bíblia de Jerusalém), em 1953, admitia-se que o Mesmo havia sido escrito depois da morte de Pedro, e isto acarreta uma datação mais tardia para o Evangelho de Lucas e, conseqüentemente, para os Atos dos Apóstolos¹⁶⁵.

Geralmente, os estudiosos independentes datam os Atos após o ano 70. Fabris também sugere que, caso a confirmação da autoria seja de Lucas, a

¹⁶¹ FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 33.

¹⁶² MURPHY-O’CONNOR, J., *Paulo: Biografia Crítica*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, pp. 45-46. Aponta a morte de Paulo no ano de 67, pois foi transferido para Roma antes da morte de Festo em 62 d.C., passou dois anos preso em Roma (At 28,30), visitou a Espanha, voltou a Roma, foi preso e decapitado sob o governo de Nero. Sobre os relatos da tradição, temos: Paulo depois de passar pelo cárcere Mamertina (o mesmo que Pedro ficou) foi degolado na Vila Ostene, fora dos muros de Roma, onde está hoje a Basílica de São Paulo, por volta do ano de 67, em Roma, no governo de Nero.

¹⁶³ TURRDO, L., *Bíblia Comentada, VI: Hechos de y Epístolas Paulinas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1965, p. 11. Apesar do Decreto da Comissão Bíblica argumentar com ênfase esta datação, trata-se de uma hipótese bastante frágil, pois essa consideração não constitui uma prova da veracidade dessa opinião e esta afirmação não deve ser obstáculo para que se discuta com seriedade o problema. Os estudiosos confiáveis como: Wikenhauser, Dupont, Ricciotti e Boismard buscam outras explicações para este fim brusco dos Atos e atestam uma datação posterior da Comissão Bíblica, ou seja, posterior à morte de Paulo.

¹⁶⁴ MARSHAL, I. H., *The Acts of the Apostles – An Introduction and Commentary*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1980, p. 46. A maioria dos estudiosos modernos data o Evangelho de Marcos depois de 70 d.C., o ano em que os romanos conquistaram Jerusalém depois de um longo cerco, pela razão de que Marcos, segundo parece, reconhece neste evento o cumprimento da profecia feita em Mc 13.

¹⁶⁵ ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, p. 351.

composição do Livro date por volta dos anos 80, após a confecção do Terceiro Evangelho, pois, remonta à fonte de Marcos composta pelos anos 70, para apresentar sua colocação.

Esta teoria também é confirmada por J. Huby, W. Michaelis e L. Cerfaux, que atestam a data de 70, porém, dizendo que Lucas usou uma fonte anterior ao Livro de Marcos, que eles chamaram de Proto-Marcos.

Assim, seguindo o testemunho da tradição, a crítica moderna, em geral, aceita Lucas como autor do Terceiro Evangelho e dos Atos, estando provavelmente em Roma, segundo relatos da tradição¹⁶⁶. Outros atestam que foi na Antioquia¹⁶⁷, como também alguns exegetas hipotetizam ser em Éfeso ou Cesaréia¹⁶⁸. A data da fixação do livro, por consenso dos críticos, situa-se entre os anos 70 e 90 d.C.¹⁶⁹.

Sobre as fontes é indiscutível que o autor usou uma variedade de fontes nos seus escritos para formar este grande relato do início da Igreja Apostólica, tal como no Terceiro Evangelho (cf. Lc 1,1-4). Por isso, muitos autores afirmarem a semelhança entre Atos e o Evangelho de Lucas. Assim, podemos justificar que Lucas usou o mesmo método histórico para a formação dos Atos dos Apóstolos, pois algumas fontes são fáceis de serem detectadas.

Lucas, provavelmente, esteve com Paulo em algumas de suas viagens, pois narra a seção “nós” (At 16,10-17; 20,5-21,18; 27,1-28,16)¹⁷⁰ de experiência própria. Surpreendentemente, esta seção é narrada na primeira pessoa do plural. Outra hipótese plausível é a de que Lucas esteve com Paulo em Roma, na época de sua prisão. Isso explica os vários sermões e discursos de Paulo.

¹⁶⁶ cf. DUPONT, J., *Estudo sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 23. Segundo Irineu, o livro foi escrito depois da morte de Paulo. Eusébio de Cesárea, seguido por Jerônimo, atesta que o Livro foi escrito em Roma. Maison diverge sobre este dado; ele afirma não ter nenhuma tradição antiga atestando que o local da composição seja Roma e cita que o Livro foi escrito na Acaia. Acaia é o antigo nome da região situada ao Sul do golfo de Corinto. Região citada no Novo Testamento: At, 18,12,27; 19,21; Rm 15,26; 1Cor 16,15; 2Cor 1,1; 9,2; 11,10; 1Tm 1,7s.

¹⁶⁷ MARSHAL, I. H., *The Acts of the Apostles – An Introduction and Commentary*. Leicester: Inter-Varsity Press, 1980, p. 48.

¹⁶⁸ FITZMYER, J. A., *Los Hechos de , vol I: Hch 1,1-8,40*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, p. 100.

¹⁶⁹ HAHN, S. e MITCH, C., *The Acts of the Apostles*. San Francisco: Ignatius Press, 2002, p. 13.

¹⁷⁰ ROBERT, A.; FEUILLET, A., *Introdução à Bíblia, tomo III – Novo Testamento*. São Paulo: Herder, 1968, p. 334.

Outra provável hipótese é de que Lucas teve conhecimento de um documento aramaico que ele usou para compor os primeiros quinze capítulos de Atos, afirma C. C. Torrey em sua obra *Composition and Date of Acts* (1916), pois aparecem certos elementos aramaicos nesses capítulos, como também são fortes esses indícios nos dois primeiros capítulos do Evangelho¹⁷¹. Ademais, Lucas também usou várias outras fontes para compor a sua obra, principalmente a tradição oral¹⁷².

Os relatos do próprio livro dos Atos e de Gálatas demonstram citações que atestam essa familiaridade de Lucas com documentos que fundamentam seus relatos. Por isso a nenhum outro companheiro de Paulo se pode afirmar a paternidade de Atos, a não ser, Lucas, pois nenhum outro era médico e nenhum outro tem tanta evidência dos escritos antigos¹⁷³.

Seguindo Fitzmyer, segue um gráfico do primeiro capítulo dos Atos, com suas respectivas fontes, no qual está inserido o texto de estudo (At 1,6-8)¹⁷⁴.

1,1-2	Prólogo: composição lucana.
1,3-8	Composição lucana, de uma possível tradição oral palestinese.
1 9-11	Composição lucana, de uma possível tradição oral palestinese.
1,12-14	Composição lucana, de uma possível tradição oral palestinese.
1,15-26	Composição lucana para vv. 15-17; 19a; 20-22; 24-25. Tradição palestinese para vv. 18; 19b; 23; 25b-26.

¹⁷¹ Cf. ROBERTSON, A. T., *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento: Los Hechos de* . Barcelona: Libros CLIE, 1989, p. 9.

¹⁷² WIKENHAUSER, A., *Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, p. 19.

¹⁷³ Cf. ROBERTSON, A. T., op. cit., p. 10

¹⁷⁴ FITZMYER, J. A., *Los Hechos de los Apóstoles* , vol I: *Hch 1,1-8,40*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, p. 138.

2.3. Finalidade do livro dos Atos dos Apóstolos

O autor dos Atos buscou, dentro de uma proposta teológica, unir e significar o conjunto da obra¹⁷⁵. Reconstruindo em grandes linhas uma perspectiva histórico-teológica que dá substância à missão e à fé oriundas das primeiras comunidades¹⁷⁶. Tais como¹⁷⁷:

- a) Mostra a continuidade histórica e teológica entre a Igreja das origens (a dos Apóstolos que se une com a história de Israel) e as novas Igrejas, surgidas fora da Palestina, numa outra área cultural sem tradição e passado histórico;
- b) Faz emergir as raízes históricas e espirituais da Igreja, que prolonga a herança espiritual de Israel – as promessas – e se abre ao mesmo tempo para o mundo ecumênico dos povos;
- c) Sublinha, enfim, a unidade do desígnio salvífico de Deus, isto é, daquela salvação que se realiza na história, que foi prometida no AT, e é atuada em Jesus e ainda se prolonga na Igreja.

O Livro dos Atos dos Apóstolos, enquanto relato, desperta grande interesse em todos os cristãos, pois apresenta, de forma peculiar, as questões relativas às origens cristãs: da vida de Jesus até a chegada do Evangelho em Roma¹⁷⁸. Como fonte de história, pensamento, experiência e teologia da Igreja, a obra proporciona exposições que nos ajudam a compreender as primeiras comunidades cristãs¹⁷⁹.

Mesmo sem grande aprofundamento, a maioria dos cristãos já ouviu algum comentário sobre a historicidade desta obra lucana. Por exemplo, a narração de Pentecostes: o despertar da Igreja; a história do protomártir Estêvão que, imbuído

¹⁷⁵ HAHN, S. e MITCH, C., *The Acts of the Apostles*. San Francisco: Ignatius Press, 2002, p. 14.

¹⁷⁶ ROBERTSON, A. T., *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento, vol III: Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Libros CLIE, 1989, pp. 12-13.

¹⁷⁷ Cf. FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, pp. 25-26.

¹⁷⁸ “O evento salvífico, alicerçado em Jesus, ultrapassa a origem da Igreja até o advento de Paulo apóstolo e de seu Evangelho em Roma”. (FEINER, J., *Compêndio de Dogmática: Histórico-Salvífica*. vol. IV/1, Petrópolis, Ed Vozes, 1975, p. 93).

¹⁷⁹ Cf. DUPONT, J., *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1974, pp. 12.

pela força da conversão, doou sua vida pela glória da Igreja; as narrativas do outrora “anticristão” Paulo e de Pedro¹⁸⁰.

Assim, diante desta dimensão apostólica, podemos perceber a influência e a eficácia desta obra para a história e o início missionário eclesial dos cristãos da primeira hora e dos novos convertidos. Portanto, a experiência dos Atos dos Apóstolos sempre teve grande autoridade em toda a vida da Igreja de Deus¹⁸¹. Assim, a dinâmica dos Atos inspira um modo comum de vida e participação na Igreja universal¹⁸².

Desta forma, a experiência viva e comunitária dos Atos serviu de exemplo para que a Igreja vivesse uma realidade completa de comunidade, de modo que “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles” (At 4,32)¹⁸³. Apesar de Lucas se concentrar nas atividades missionárias de Pedro e de Paulo, na realidade o livro descreve primeiro a ação do mistério do Espírito Santo, que adverte os cristãos ao impulso do querigma e do testemunho, através do qual a trajetória da Boa Nova de Deus, aos poucos, desloca-se de Jerusalém para Roma, conforme a ordem dada pelo Ressuscitado: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra”¹⁸⁴.

Devido à práxis revolucionária descrita na obra lucana, sempre há indagações sobre a mensagem apostólica, pois os fatos realizáveis no “Corpus Lucanum”, no qual aparecem momentos singulares das personagens e suas atividades, expõem a rica narrativa histórica da Igreja primitiva, explorada sobre a perspectiva da construção do “modus vivendi” dos primeiros passos do

¹⁸⁰ FABRIS, R., *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 13.

¹⁸¹ Cf. SAIÓÛT, Y., *Atos dos Apóstolos – Ação Libertadora*, São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 17.

¹⁸² DICIONÁRIO DE TERMOS DE FÉ. Porto / Aparecida: Editorial Perpétuo Socorro / Santuário, p. 150. O termo católico tem a sua raiz no vocábulo grego καθολικός, que significa universal, em cuja formação κατά e οἰλος orienta-se por um valor bastante expressivo: “conforme o todo”. O termo “Igreja Católica” foi usado pela primeira vez por Inácio de Antioquia, bispo de Antioquia, que morreu por volta do ano 110 da era cristã (Smyrn. 8).

¹⁸³ HAHN, S. e MITCH, C., *The Acts of the Apostles*. San Francisco: Ignatius Press, 2002, p. 24. Vemos aqui a unidade da primeira comunidade, a fé no Ressuscitado que rompe qualquer egoísmo e diferença.

¹⁸⁴ Cf. At 1,8; Lc 24,47-48. A missão dos Apóstolos estende-se ao universo (Is 45,14). As etapas aqui assinaladas traçam em linhas gerais o esquema geográfico dos Atos: Jerusalém, que era o ponto de chegada do Evangelho, é agora o ponto de partida (cf. Lc 2,38). Nota “I” da Bíblia de Jerusalém. 8ª edição, São Paulo, Ed. Paulinas, 1976, Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo, 8.

cristianismo que brotou de uma “insignificante cidade”¹⁸⁵, por um “simples homem” que vivia sob uma forte pressão cultural e política. Portanto, quando nos deparamos com a dimensão desta obra, nos interrogamos: qual a intenção dos Atos dos Apóstolos? Esta obra que, no início da Igreja, circulava anônima e sem título.

Assim, a partir da práxis da obra Lucana, nós podemos compreender a estrutura e a intenção teológica de Lucas. Ele quer mostrar como o Evangelho se propagou no mundo, deslocando-se do mundo judaico para o mundo pagão¹⁸⁶, não por vontade humana, mas por ordem divina, pois o universalismo da economia da salvação perpassa toda a perspectiva da dupla obra Lucana.

¹⁸⁵ Como já foi relatado no “Contexto Histórico” (ponto 2.2), o centro cultural, político e social mais importante da época era a cidade de Roma, capital do Império Romano, cuja potência era bem maior do que as forças de Israel, que, por sua vez, estava sob seu domínio. (cf. 13,7; 15,41; 16, 6-9; 18,12.22; 19,21.38; 23,7.11; 25, 10-12.25-26).

¹⁸⁶ A própria disposição do livro apresenta este itinerário. O caminho do Evangelho de Jerusalém a Roma. Cf. WIKENHAUSER, A., *Los Hechos de los Apóstoles*. Barcelona: Herder, 1967, p. 13.